

NOTA DOS EDITORES

É com satisfação que a *Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, apresenta seu número 57.3, neste terceiro quadrimestre de 2025.

Nesta edição, publicamos dois dossiês, oito artigos de temática livre, dois artigos na seção *Trajetórias e Perspectivas* e uma resenha.

O primeiro dossiê tem como título “Condomínios e cidades: dimensões sociais do habitar” e foi proposto e organizado pelos professores Wellington da Silva Conceição (UFMA/Brasil), Caroline Martins de Melo Bottino (UERJ/Brasil), Frank Andrew Davies (UERJ/Brasil) e Mariana Cavalcanti (UERJ/Brasil). Composto da apresentação e de seis artigos, o dossiê propõe discutir sobre a relevância crescente dos condomínios como forma de habitar e como fenômeno urbano contemporâneo. Nessa linha, o objetivo central do dossiê é compreender como diferentes configurações condominiais, em diversas cidades do país, expressam múltiplos sentidos do habitar contemporâneo, a partir do exame de práticas cotidianas, relações de vizinhança, disputas simbólicas e do papel das redes digitais na construção dessas experiências.

O segundo dossiê tem como título “Etnografias dos ativismos, militâncias e burocracias no campo dos direitos: intervenções e incidências” e foi proposto e organizado pelas professoras María Victoria Pita (CONICET/ICA-UBA/Argentina) e Ana Paula Mendes de Miranda (UFF/Brasil). O dossiê reúne, além da apresentação, cinco artigos de caráter etnográfico que analisam as formas de entrelaçamento entre os ativismos e as militâncias com os modos de formulação ou gestão de políticas públicas, mediadas por burocracias estatais, no campo da justiça e da segurança. Nessa linha, a partir de diferentes campos empíricos, os artigos permitem discutir diferentes formas de atuação política de grupos sociais, os modos locais de “estatalidade” e as concepções sobre direitos que podem ensejar diversas controvérsias entre demandas por direitos e as formas institucionais de administração de conflitos.

A seção de **Artigos** é composta por oito artigos e inicia com o trabalho “Estatísticas parciais: visibilidades seletivas e ilegibilidades nos censos do século XIX”, de Barbara Moraes (MN/UFRJ). A partir de uma etnografia com documentos e arquivos em torno dos censos imperiais de 1872 a 1920, realizada a partir de consultas aos acervos do Arquivo Nacional, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Senado Federal, o artigo analisa como a imprecisão, a ineficiência, a ambiguidade e os erros constituem uma modalidade de gestão dos dados, fazendo parte da própria formulação de modelos estatísticos. Ao deslocar o olhar para as zonas de ilegibilidade e suas condições materiais de produção, o artigo propõe uma reflexão



sobre as formas com que o Estado vê e deixa de ver sua população ao fazer uso de dados estatísticos muitas vezes equivocados.

O artigo a seguir, intitulado “Retorno ao futuro: utopias, retrotopias e heterotopias nos projetos de regeneração do bairro de Marvila”, de Chiara Pussetti, da Universidade de Lisboa, apresenta uma etnografia do bairro de Marvila (Lisboa, Portugal) como parte do projeto H2020 ROCK, e analisa as áreas de intervenção do projeto, a partir do que identifica como seus imaginários distópicos, utópicos e retrótópicos. Nessa linha, a autora analisa como os diferentes tipos de utopia orientam a imaginação de futuros que não foram, mas poderiam ter sido, examina como o passado é mobilizado — ora como memória traumática a ser apagada, ora como retrotopia idealizada — e como certos projetos urbanísticos funcionam como mecanismos de esquecimento ou reconfiguração da história local.

Em seguida, o artigo “Doces sexualizados e narrativas do self consumidor: estudo sobre as práticas de consumo na loja La Putaria/La Censura”, de coautoria de Candice Vidal e Souza, Marina Fernandes Araújo de Alvarenga e Yuri Araújo, todos da PUC-Minas Gerais, apresenta as conexões entre representações materializadas dos órgãos genitais e substâncias comestíveis em um contexto urbano contemporâneo a partir da loja La Putaria, inaugurada em 2022 em Belo Horizonte. A partir de pesquisa qualitativa na loja, o artigo propõe que o comércio de alimentos erotizados aciona moralidades urbanas e oferece um cenário para expressões identitárias apoiadas na sexualidade e nas formas de enunciação das escolhas de consumo, englobadas pelo ambiente de incertezas e instabilidades que marca as paisagens das cidades contemporâneas.

O artigo seguinte intitula-se “Xukuru contra o Estado? Aportes antropológicos acerca dos tentáculos do estado na vida cotidiana” e é de autoria de Cristhyan Kaline Soares Mineiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Considerando os aportes da Antropologia do Estado, o artigo apresenta a etnografia da atuação política do povo Xukuru de Ororubá, no município de Pesqueira no estado de Pernambuco, a partir da etnografia de uma assembleia indígena, organizada “com” e “contra” o estado. Analisando esse evento, que é realizado anualmente, o artigo explora o modo como os Xukuru visualizam e negociam com o estado brasileiro dentro de sua mobilização política e como é tecida uma relação colaborativa e crítica com o estado.

Em sequência, o artigo “A polícia e a morte no Amapá: moralidades e sensos de justiça entre seguidores de páginas policiais na internet”, de Marcus Cardoso, da Universidade Federal do Amapá, Carolina Barreto Lemos, do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura, de Brasília, Juliana Rocha e Jade Figueiredo, também da Universidade Federal do Amapá, e Vinícius Barriga, da Universidade de Lisboa, analisa o conteúdo das interações estabelecidas entre os seguidores de três perfis presentes nas redes sociais que publicizam as operações policiais no estado do Amapá, em especial em casos que resultam na morte de

indivíduos acusados de se envolverem em confrontos armados com policiais ou nos quais estes são flagrados fazendo uso desproporcional da força. Os autores exploram os usos e sentidos de determinadas categorias êmicas que recorrentemente aparecem nas intervenções dos seguidores e analisam como as mesmas se anoram em cosmovisões e moralidades que expressam sensos de justiça e de direitos.

O sexto artigo desta seção, de autoria de Gabriel Tardelli, da Universidade Federal Fluminense, tem como título “An enclave in the Raposa Serra do Sol Indigenous Land: the invention of the municipality of Uiramutã and the update of colonialism”, na sua versão em inglês, e “Um enclave na Terra Indígena Raposa Serra do Sol: a invenção do município de Uiramutã e a atualização do colonialismo” na sua versão em português. Por meio da análise das atas das comissões de criação do município de Uiramutã, em Roraima, bem como de documentos produzidos por organizações indigenistas, o artigo descreve e analisa as táticas e estratégias adotadas pelas elites políticas e econômicas para ocupar e liberar terras indígenas para a exploração econômica. Nessa linha, o autor busca discutir como o Estado é “feito” através da criação de estruturas burocráticas, que fomentando exclusões e relações assimétricas, produto de um colonialismo que não deve ser compreendido como uma reminiscência de um passado longínquo, mas enquanto um campo de poder que ainda estrutura desigualdades.

A seguir o artigo “Narrativas políticas sobre a solidariedade em meio à pandemia da covid-19”, de Felipe Pinheiro Martins de Paiva, da PUC de Minas Gerais, analisa as narrativas e práticas solidárias de integrantes do Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos em uma comunidade periférica e pobre de Belo Horizonte, durante a pandemia da covid-19. A partir das reflexões de estudos de antropologia urbana e da antropologia da política, o autor explora etnograficamente as visões de mundo sobre a política – pensada e vivida nos processos de luta e nas ações de solidariedade do movimento social pesquisado. Nessa análise, a “solidariedade” ganha protagonismo como uma estratégia comunitária de sobrevivência material em meio à crise, mas também como parte de um repertório de práticas políticas e a um certo projeto político defendido pela coordenação do movimento.

Por fim, o artigo “Por que eles não olham para si mesmos?: as raízes violentas da modernidade sob a perspectiva das contra-modernidades indígenas”, de Gabriela de Freitas Figueiredo Rocha, da Universidade de Coimbra, reflete sobre os processos de violência da modernidade, que, segundo propõe a autora, desumanizaram de diferentes maneiras as populações nativas das Américas, por meio das ciências, do imaginário mítico religioso e das ordens jurídico-políticas em cada contexto, contribuindo à consolidação de um regime político racial, cuja hegemonia segue naturalizada nas sociedades ocidentais. De forma mais específica, o artigo destaca a relevância da retomada indígena como um movimento abrangente de resgate existencial, por meio da qual reivindicam novos pactos sociais, que incluam tanto as populações

desumanizadas quanto as múltiplas agências não humanas.

A seção seguinte, **Trajetórias e Perspectivas**, tem como objetivo publicar artigos e ensaios que produzam reflexões sobre o fazer antropológico, a partir das experiências e trajetórias de antropólogos/as brasileiros/as e estrangeiros/as, bem como do histórico de constituição e/ou consolidação de áreas ou campos de pesquisa no Brasil e em outros países. Neste número, publicamos dois ensaios. O primeiro, “Marina de Vasconcellos, pioneira da antropologia brasileira, de Amurabi Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina, explora a trajetória de Marina de Vasconcellos, considerada a primeira antropóloga profissional do Brasil, a partir de dois aspectos principais: sua formação acadêmica estrita na área de Antropologia; e sua atuação como docente de Antropologia no ensino superior. O artigo destaca ainda sua estreita colaboração com Arthur Ramos, e seu papel na institucionalização da Antropologia no Brasil.

Como segundo artigo da seção publicamos a tradução do capítulo “A educação superior da mulher”, do livro *A Voice from the South: By a Black Woman of the South* (1982) de Anna Julia Cooper, da Frelinghuysen University, Estados Unidos. A tradução foi realizada por Ingrid de Aquino Godinho e por Juliana Vinuto, ambas da Universidade Federal Fluminense. O texto apresenta uma defesa contundente da importância do acesso das mulheres, especialmente mulheres negras, ao ensino superior, a partir de uma análise crítica das limitações históricas impostas às mulheres na educação. A autora contesta discursos patriarcais e racistas que legitimaram a exclusão feminina da vida intelectual e denuncia a desigualdade de oportunidades vivida por mulheres negras nas instituições de ensino, conclamando à ação efetiva para ampliar o acesso e permanência dessas mulheres nas universidades.

Por fim, publicamos a **resenha** “Memórias conflitivas e espaço público: o que contam as estátuas?” de Laurine Sézérat, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre o livro “La Disgrâce des statues. Essai sur les conflits de mémoire, de la Révolution française à Black Lives Matter” de historiador francês Bertrand Tillier, publicado pela Editora francesa Payot, em 2022. O livro resenhado analisa o fenômeno da “estatuoclastia” a partir de diversos exemplos históricos e transnacionais, evidenciando o significado político e simbólico das ações descritas, bem como os conflitos de memória e imagens que elas suscitam.

Em relação às capas deste número, elas ilustram os dois dossiês publicados. Em relação ao Dossiê “Condomínios e cidades: dimensões sociais do habitar”, a imagem tem como título “Estou aqui” e é de autoria de Thiago Facina. Na imagem, vemos um edifício grande, inacabado, parcialmente coberto por telas fachadeiras. Também vemos no primeiro plano, logo abaixo do edifício, o que é hoje um muro decadente, mas que, provavelmente, já foi uma bela fachada em um tempo que parece “antigamente”. Abandonado, o muro recebeu uma arte de rua em que podemos ler “estou aqui”. São as telas fachadeiras e a presença de guindastes que nos induzem a pensar que se trata de uma construção e não de um local abandonado. O cinza da

construção, das telas e do céu nublado formam uma paisagem distante das imagens límpidas, realistic renders, usadas nos anúncios que oferecem as futuras unidades habitacionais do local. More no centro do Rio. O prédio em construção é mais um dos que se enfileiram na zona portuária do Rio de Janeiro. São anunciados em parcelas populares que cabem no bolso de quem pode pegar o devido crédito - o preço final nunca é mostrado. Em palavras do Thiago Facina:

Quando pensei em fotografar o fenômeno - de uma dezena ou mais de prédios subindo quase simultaneamente no mesmo local - queria estabelecer um diálogo com a claustrofóbica série do Michael Wolf chamada Arquitetura da Densidade. Com a lente certa e no local exato, eu poderia fazer com que vários prédios fossem justapostos dando a ideia de aglomerado, de adensamento. Mas, passando pela rua, pude observar o muro grafitado “estou aqui”. Caiu a ficha de que eu não estava na China fotografada por Michael Wolf, mas aqui, na zona portuária do Rio de Janeiro, com Milton Santos sussurrando: o espaço é a acumulação desigual de tempos. Convidado o espectador a olhar para a paisagem com esta frase a tiracolo.

A segunda capa refere ao Dossiê “Etnografias dos ativismos, militâncias e burocracias no campo dos direitos: intervenções e incidências” e é de autoria de uma das suas organizadoras, a professora Ana Paula Mendes de Miranda. A foto foi tirada por ela, com o celular, durante a passeata do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2019, na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro. A concentração teve início à tarde, na Candelária, e seguiu em marcha até a Cinelândia. Foi a primeira manifestação realizada após o assassinato da vereadora Marielle Franco, cuja memória esteve presente em diversas faixas e palavras de ordem, clamando por justiça. Entre as pautas destacadas pelas manifestantes estavam o fim da violência contra as mulheres, o direito ao planejamento do parto, o acesso a creches e à educação, bem como o direito ao aborto. Também houve protestos contra a Reforma da Previdência e contra o então presidente Jair Bolsonaro.

Para finalizar, lembramos a nossos/as leitores/as que continuamos a receber submissões de interesse para a área das Ciências Sociais, em especial no campo da Antropologia, em regime de fluxo contínuo, através do site <https://periodicos.uff.br/antropolitica>, no qual podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações. Mantemos o nosso e-mail (antropoliticauff@gmail.com) para eventual contato. Sugerimos também acompanhar nossas notícias também através do perfil do Facebook, Instagram (@antropoliticauff) e no Twitter (@RAntropolitica).

Boa leitura!